



5406 - Trabalho - 39ª Reunião Nacional da ANPED (2019)  
 GT02 - História da Educação

Biografia de um jovem faminto: moradia na rua, fome e educação  
 Lia Machado Fiuza Fialho - UECE - Universidade Estadual do Ceará  
 Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPQ

### Biografia de um jovem faminto: moradia na rua, fome e educação

**Resumo:** Com amparo teórico na história cultural, na perspectiva da história do presente, a pesquisa se insere no campo da história da educação ao trabalhar com as memórias e narrativas de vida de um jovem morador de rua com ênfase nas suas experiências educativas em meio ao contexto de pobreza e fome. Questionou-se o que leva um jovem a constituir moradia na rua e como se constitui a sua educação nessa condição. Objetivou-se biografar a vida de um jovem em situação de rua em sua relação com as vivências de educação, ante o contexto de fome e pobreza. Por meio de uma pesquisa biográfica, que utilizou a metodologia da história oral, buscou-se conhecer as nuances de uma vida juvenil – infância, contexto familiar, processo de escolarização, modo de subsistência –, especialmente no que concerne ao contexto de moradia nos espaços públicos e educação. Os resultados evidenciam a negação de direitos sociais – educação, alimentação, moradia, lazer – e a vivência do abandono, da fome e da pobreza como aspectos que impulsionam a vida em situação de rua. O imediatismo da fome impossibilitava a escolarização e a constituição de um plano para o futuro, naturalizava-se a vida na rua e dificultava-se o desenvolvimento de uma autonomia mínima que ensejasse mudança de conjuntura.

**Palavras-chave:** Educação. Biografia. Fome. Pobreza. Pessoa em situação de rua.

### Introdução

A maioria dos problemas sociais é complexa e não há soluções rápidas com respostas imediatas para a resolução desses problemas, principalmente pelo fato de estarem interligados e apresentarem caráter indissociável (FIALHO, 2015). A pobreza, a fome, o abandono escolar e a situação de rua são alguns desses problemas que merecem atenção especial, o que justifica a necessidade de elaboração de estudos e reflexões críticas acerca das nuances que perpassam, fundamentam e constituem tais mazelas; para ampliar suas compreensões. E esta pesquisa, de natureza biográfica, permite lançar luz a esses importantes problemas sociais desde a elaboração de uma pesquisa biográfica constituída com as memórias e narrativas de um jovem, sujeito histórico, ao trabalhar na interface indissociável do individual com o coletivo (LORIGA, 2011).

Importa destacar que a pesquisa biográfica trabalha essencialmente com a memória, e esta, além de seletiva, permeia-se por lembranças e esquecimentos (NORA, 1993). Logo, não se pretendeu uma história única, verdadeira e inquestionável. Com efeito, buscou-se uma narrativa histórica, a qual tem por característica não negar a subjetividade própria das ciências humanas, nutrindo-se desta com vistas a realizar interpretações micro-históricas das quais os estudos macro-históricos não dão conta (LORIGA, 2011). Sem intenção de linearidade (LE GOFF, 2003) ou generalizações, foi possível compreender o todo pela parte – afinal, as histórias individual e coletiva são imbricadas (BURKE, 1992). Consequentemente analisar a narrativa de João à luz da metodologia da história oral, refletindo sobre as nuances vivenciadas por quem é pobre, faz da rua seu espaço de moradia e sobrevivência e experimentou a vivência da fome e abandono escolar, é relevante para ampliar a visão crítica concernente a problemáticas que não pode ser compreendida sem que se suscitem as percepções e anseios de quem sofre no dia a dia tal pespego.

Ante a estranheza de deparar-se diariamente com inúmeros moradores em situação de rua na cidade de Maracanaú, região metropolitana de Fortaleza, no estado do Ceará, Brasil, questionou-se o que leva um jovem a constituir moradia na rua e como se constitui a sua educação nessa condição, especialmente em um município que se destaca por conter o maior parque industrial do estado. Ademais, Maracanaú permanece em constante crescimento no que tange à arrecadação de impostos por serviços, ocupando o terceiro lugar no *ranking* estadual do Produto Interno Bruto (PIB), com renda *per capita* de R\$ 30.684,40 em 2014 (IPECE, 2016).

Para investigar tal inquietação, desenvolveu-se uma pesquisa que objetivou biografar a vida de um jovem em situação de rua, há mais de 10 anos, em sua relação com as vivências de educação, fome e pobreza. A investigação foi desenvolvida no período de julho de 2015 a agosto de 2018, por meio de estudo do tipo biográfico (DOSSE, 2009; LORIGA, 2011) realizado mediante a metodologia de história oral (AMADO, FERREIRA, 2005; MEIHY, 1996), que permitiu não apenas conhecer a trajetória do jovem em alusão, mas analisar suas narrativas na interface com o contexto social e cultural, lançando luz às nuances vivenciadas por um sujeito que fazia da rua seu espaço de moradia e sobrevivência.

A realidade vivida pelos moradores de Maracanaú é complexa, pois a cidade, apesar de apresentar grande desenvolvimento econômico, possui enorme déficit no desenvolvimento social da população, demonstrando severa desigualdade e exclusão social, fato comprovado pela má distribuição dos recursos, o que impõe à maioria dos moradores uma renda *per capita* média inferior a R\$ 372,91 (IBGE, 2010), ainda que, numa divisão igualitária, tal valor devesse ser acima de R\$ 30.000 mensais. Essa injustiça social acomete moradores com a vivência da pobreza, da fome e do baixo índice de escolarização; problemas históricos vivenciados no contexto brasileiro que precisam vir à tona para que não sejam naturalizados ou invisibilizados, com efeito, gerem mobilização social e políticas públicas responsáveis e eficazes com objetivo de minimizar tais agruras. Todavia importa uma explanação sucinta acerca da compreensão que se utilizou nesta pesquisa sobre os conceitos de juventude, pobreza, fome e situação de rua que emergiram no decurso de fala do jovem biografado.

São muitos os estudiosos que definem o termo “juventude” de diferentes maneiras: “[...] como uma faixa etária, um período da vida, um contingente populacional, uma categoria social, uma geração” (ABRAMO; LEÓN, 2005, p. 6). Para o Estatuto da Juventude (BRASIL, 2013) são jovens aqueles com idade entre 15 e 29 anos. No entanto, “[...] apesar de ter por base marcos etários e biológicos, a definição da população jovem é indissociável do contexto sociocultural, político e econômico” (BRASIL, 2010, p. 15). Logo, “[...] há muitas outras formas de conceituar a juventude, lançando mão de

aspectos sociais, culturais ou legais, entre outros de igual relevância, respeitando uma diversidade de contextos e realidades” (BATISTA, 2009, p. 6962). Ao contrário de compreender tal categoria como uma fase de vida delimitada etariamente e “[...] marcada por uma certa instabilidade associada a determinados problemas sociais” (PAIS, 1990, p. 141), entende-se como uma categoria social heterogênea, que necessita de contínua decifração por ser uma invenção moderna, que passa a ser um terreno de constante transformação, inclusive se “[...] constituindo objeto de inúmeros estudos de diferentes perspectivas” (SOUZA, 2004, p. 48). Por isso, nesta pesquisa, compreendem-se juventudes como uma fase da vida complexa, heterogênea, permeada de singularidades biológicas, psíquicas, sociais e culturais (ABRAMO, 2008; DAYRELL, 2007; FIALHO, 2015).

Ivo (2008) discute que a pobreza corresponde à condição de não satisfação de necessidades humanas elementares, como comida, abrigo e vestuário, sendo que a extrema pobreza e a miséria são o agravamento da restrição de acesso a esses elementos. Algumas pessoas com acentuada restrição de recurso econômico, além de não conseguirem acesso a insumos elementares, vivem sob constante situação de insegurança alimentar, pois não conseguem sequer acesso regular e permanente à alimentação (MONTEIRO, 2003).

Compreende-se que a fome humana não deve ser mensurada apenas a partir de aspectos isolados de disponibilidade de alimentos no mercado ou no domicílio, de gastos familiares com alimentos, de inquéritos de consumo alimentar e de indicadores de estado nutricional (ALBUQUERQUE, 2009), pois a fome, como um fenômeno geograficamente universal, configura-se com faceta fortemente subjetiva, uma calamidade social que assola grande parte da sociedade por estar excluída do direito fundamental da alimentação (VALENTE, 2003). A restrição alimentar reverbera primeiramente na fome momentânea, aguda, caracterizada pela vontade iminente de comer; em seguida, não saciada, transforma-se em fome crônica (CASTRO, 2003). A primeira é aquela equivalente à urgência de se alimentar, um grande apetite momentâneo, já a última se caracteriza pela permanência da fome, “[...] ocorre quando a alimentação diária, habitual, não propicia ao indivíduo energia suficiente para a manutenção do seu organismo e para o exercício de suas atividades cotidianas” (MONTEIRO, 2003, p. 8).

Consoante a Política Nacional de Inclusão Social (2008), a população em situação de rua é um grupo heterogêneo que apresenta algumas características em comum: pobreza, rompimento de vínculos familiares, vivência de um processo de desfiliação social pela ausência de trabalho assalariado, ausência de moradia convencional, o que faz da rua o seu espaço social, de moradia e de sustento (BRASIL, 2008). Como tal vivência não é necessariamente permanente e comporta trajetórias, experiências, espaços e identidades distintas (GIORGETTI, 2006), utiliza-se a terminologia “situação de rua” em vez de “morador de rua”, já que essa última expressão está permeada por paradigmas preconceituosos estáticos e universalizantes.

De posse de uma compreensão elementar acerca da problemática do estudo, do seu objetivo e das categorias principais suscitadas, interessa entender o percurso traçado para o desenvolvimento da pesquisa em tela.

### **Percurso metodológico**

Elaborou-se uma pesquisa consoante a história do presente (FERREIRA, 1998), do tipo biográfica (DOSSE, 2009), que possibilitou considerar as subjetividades do biografado e analisar com maior minúcia as suas narrativas. Logo, não concedeu importância a amostra e quantidade de variáveis, mas ao que há de singular nas percepções do sujeito, numa relação indissociável entre o individual e o coletivo, que valoriza a qualidade em detrimento da quantidade, ensejando visibilidade às questões macro-sociais, como é o caso da fome, da situação de rua e do abandono escolar, sem perder de vista as particularidades que as permeiam no âmbito micro-social.

Amparada nos pressupostos da História Cultural que alargou a compreensão sobre fontes históricas (BURKE, 1992), utilizou-se a metodologia da história oral (ALBERTI, 2005; FERREIRA, 1998) para biografar um indivíduo em situação de rua do município de Maracanaú, por possibilitar evidenciar importantes revelações e interpretações socioculturais, especialmente com a colaboração de um ator por vezes marginalizado socialmente (THOMPSON, 1992), que vive destituído de direitos básicos, silenciado e excluído pelo estigma da inferioridade, devido às condições econômicas e sociais desfavorecidas (SIMÕES, 2007).

Interessa destacar que a pesquisa do tipo biográfica, por muitas décadas, foi relegada a segundo plano de importância na ciência por ser julgada subjetiva, imprecisa e pouco confiável, no entanto já é consenso sua relevância no século XXI, especialmente para as ciências humanas e sociais, pela possibilidade de ampliar a compreensão culturais, educacionais, sociais, etc. (DOSSE, 2009), ensejando visibilidade a aspectos subjetivos não contemplados em pesquisas macro-sociais que possibilitam ampliar compreensões históricas, inclusive, no campo na história da educação. Ademais, “[...] atualmente há importantes trabalhos sobre as narrativas de crianças, adolescentes e jovens” (MEIHY, 1996, p. 39), o que permite entender que o jovem, ao narrar sua história de vida, assume o papel protagonista de si, mesmo sendo interpelado por uma realidade social, econômica e cultural que expõe suas facetas nos relatos (FIALHO; MACHADO; SALES, 2014). Em congruência, a oralidade juvenil permitiu estudar cientificamente a interlocução entre fome, educação, situação de rua e pobreza à luz da narrativa de vida de um sujeito que vivenciam tal contexto e que possuía um olhar valioso sobre a realidade em que se inseria.

Um jovem despertou especial atenção, doravante denominado ficticiamente de João, pelo fato de estar perambulando pelas ruas de Maracanaú havia 10 anos e, mesmo usufruindo dos equipamentos e políticas públicas de assistência social do município, continuar nas ruas, queixando-se de fome. João tornava-se não apenas sujeito desta pesquisa, mas indivíduo histórico de narrativa ímpar para a compreensão da inter-relação entre a situação de rua, fome, abandono escolar e pobreza e os condicionantes da permanência nessa condição.

João foi contatado no Restaurante Popular de Maracanaú, localizado na região metropolitana de Fortaleza, no estado do Ceará. Esse local foi escolhido pelo fato de que aparentemente seria o lugar mais provável de encontrar o sujeito desta pesquisa, já que ele se alimentava ali todos os dias úteis. Importa salientar que o projeto, antes do contato inicial com João, foi submetido à aprovação da Secretaria de Assistência Social e Cidadania de Maracanaú, que emitiu parecer favorável; depois disso, João assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que lhe assegurou esclarecimento do objetivo da pesquisa, riscos, ausência de benefícios e sua maneira de colaboração, bem como o sigilo da identidade e a garantia de participação voluntária sujeita a interrupção a qualquer momento; como rege a resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012.

Foram realizadas três entrevistas livres – gravadas, transcritas, textualizadas e validadas segundo a técnica geradora de estrutura do discurso (FLICK, 2009) –, que somaram aproximadamente 90 minutos, em sala reservada, com boa acústica, do Restaurante Popular. A única orientação fornecida foi para que João contasse tudo o que lembrava a respeito de sua história de vida.

### **Resultados em discussão**

João nasceu na cidade de Acaraú, interior do Ceará, e sua família deveria ser composta por seus pais e 12 irmãos, porém apenas seis permaneceram vivos após a infância, os quais foram doados a outras famílias com condições econômicas menos miseráveis do que a de seus pais. João foi separado de seus genitores ainda na infância, mantendo esporádicos contatos com eles. Quando das entrevistas, em 2016, possuía 27 anos e havia 10 anos vivia em situação de rua.

João contou que seus pais não tinham condições financeiras de cuidar dele e dos irmãos; por conta disso, ele ficou sob o cuidado de outras pessoas durante toda sua infância: amigos, avós ou tios.

*Os outros me adotavam. Quando eu era menino, minha mãe não tinha condição de me criar, ela sempre me dava para os outros me criarem; ela só podia me ver de 15 em 15 dias, mas nem ia. Ela passou muita necessidade para não ver a gente sofrer, né? Nós somos 12 irmãos, tem seis vivos; sempre fomos criados pelos outros, todos espalhados. As casas em que eu morava eram melhores do que a minha, mas sempre tive vontade de conhecer meus pais; vim conhecê-los com 5 anos.*

Silva (2006) compreende que a situação de rua é um fenômeno multifacetado que não pode ser explicado desde uma perspectiva unívoca e monocausal, mas que apresenta como fator predispor o rompimento de vínculos familiares, o que se constata na narrativa de João

*[...] Eu não tenho contato com meus pais, com minha família, há 10 anos; eles moram no Acaraú. Hoje minha família são os irmãos da rua, porque, às vezes, o pessoal de fora lhe trata melhor do que os da própria casa. É por isso que você os trata como irmãos, como uma família. Não sinto falta deles, porque eu nunca fui criado com meus pais, sempre fui criado com os outros; só via meus pais de 15 em 15 dias. Com 6 anos, comecei a trabalhar na feira.*

O jovem relatou que, por não ter tido muita convivência com seus genitores, não sentia falta deles e que o ambiente familiar não era auspicioso. Entregue aos cuidados de outra família, começou a trabalhar muito cedo, aos 6 anos, carregando caminhão numa feira e depois vendendo frutas no mesmo local. Em decorrência disso, iniciou-se tardiamente nos estudos, aos 12 anos, por influência de seu padrasto, que lhe matriculou em uma escola na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA), quando aprendeu a ler e escrever. João acrescentou que houve um período em que ele estudava de noite e trabalhava de dia, realizando, inclusive, o curso de padeiro pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), exercendo atividade-fim pertinente ao curso durante um tempo numa padaria.

João não demonstrou conceber os estudos como principal alternativa para o crescimento profissional; em razão disso, abandonou a escola, buscando a inserção no mercado de trabalho como atividade primária; ademais, era difícil conciliar uma jornada semanal de 40 horas de trabalho com os estudos. Considerando que "[...] os recursos psicológicos, sociais, econômicos e culturais dos pais são aspectos essenciais para a promoção do desenvolvimento humano" (POLÔNIA; DESSEN, 2005, p. 304), pode-se inferir que a falta de apoio e valorização da escolarização desde a primeira infância pode ter colaborado para a decisão de João. Afinal, quando a necessidade da sobrevivência se sobressai, a escola passa a ser um espaço pouco atrativo dentro de uma rotina de trabalho infantil.

João contou que nesse período começou a se envolver com drogas, por meio de alguns amigos já usuários que o levavam às festas. Ele narrou que sua iniciação aconteceu no dia de um de seus aniversários, quando lhe foi oferecida a cocaína:

*[...] não vou mentir para você, não, eu passei três anos usando pó, cocaína; aí a minha vó descobriu que eu cheirava pó. Eu tinha muitos amigos da balada que também cheiravam pó, daí, no dia do meu aniversário de 19 anos, eles me ofereceram para cheirar, e aí eu me viciéi. Todo dinheiro que eu pegava era para comprar cocaína, de R\$ 50,00, de R\$ 100,00. Não sentia fome, a maconha é que dá fome. Se você fumar pedra e cheirar pó, não dá fome, por isso emagrece muito, porque, se você fumar pedra, você não quer parar, porque vai roubar, se prostituir, fazer o que não presta para conseguir a droga. Todas as drogas - o nome já está dizendo: droga! - não prestam.*

Esse período de três anos foi muito complicado em sua vida, uma vez que, além de abandonar os estudos, saiu de casa por conta das drogas, até porque seu tio, que era policial, não aceitava que ele fosse usuário e continuasse morando na casa da avó, local em que passou a residir após sair da casa de sua mãe adotiva e de seu padrasto. Quando da pesquisa, o jovem avaliou-se como adicto. Observa-se, em contradição, que ele continua sendo usuário, porém de maneira mais moderada:

*Eu já fumei droga, sou um adicto, eu uso pedra, mas eu não fumo todo dia, só fumo em curtidão. Eu trabalho a semana todinha, só fumo de 15 em 15 dias ou de mês em mês. Primeiro eu faço a minha obrigação, depois a devoção. Tenho 10 anos de rua, nunca mexi em nada que é dos outros, sempre trabalhei [...], mas agora estou há quatro meses sem usar pedra, graças a Deus. Eu uso cachaça, mas estou reduzindo, estou conseguindo me erguer. [...] Eu gastava R\$ 600 por semana no 'Oitão Preto' com pedra, hoje se eu gastar R\$ 20,00 é muito.*

Durante a sua fala, João mencionou que comprava droga na favela denominada "Oitão Preto", localizada no bairro Moura Brasil, próximo ao centro de Fortaleza, estando completamente dependente de substâncias psicotrópicas por três anos, o que lhe consumia todo o tempo e atenção, abdicando até da alimentação para o consumo de entorpecentes.

Ante toda a negação de direitos relatada ainda na tenra infância, como: situação de abandono do núcleo familiar primário, trabalho infantil, escolarização tardia, rompimento de vínculos familiares secundários, foram fatores predispores para que João tenha se envolvido com drogas. O alcoolismo e a drogadicção são aspectos corriqueiros na vida de quem está em situação de rua (SILVA, 2006), inclusive, em pesquisa nacional censitária com adultos em situação de rua promovida pelo Ministério do Desenvolvimento Social (MDS) em cooperação com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), aponta-se que 35,5% das pessoas em situação de rua estão nessa condição por problemas de alcoolismo e/ou drogas (BRASIL, 2008).

O mais problemático de sua oralidade foi averiguar que sua rotina de vida voltava-se quase que exclusivamente à busca por alimento, o que direcionava quase todas as suas ações. Nesse sentido, João relatou que tinha o hábito de dirigir-se ao Centro de Referência Especializado para Pessoas em Situação de Rua (Centro Pop) para tomar o café da manhã, local que serve gratuitamente alimentos variados para pessoas de extrema pobreza, porque havia conseguido a isenção do pagamento das refeições realizadas no Restaurante Popular, unidade pública de alimentação e nutrição pertencente à Política Municipal de Segurança Alimentar e Nutricional. Após o café, o jovem se direcionava ao Restaurante Popular, onde almoçava e permanecia nas redondezas trabalhando como flanelinha, a fim de juntar o dinheiro necessário para custear transporte ou comprar algum lanche nas barracas próximas para os dias que não conseguia alimentação gratuita.

*Eu prefiro lanchar no Centro Pop, porque pelo menos sobra dinheiro para o outro dia, porque o salgado com o suco nas barracas da praça é R\$ 3,50. Assim, eu acho o lanche das barracas mais gostoso. [...] No Centro Pop, a gente não enche o bucho, porque tem a quantidade certa para cada um, senão falta para os outros.*

O bico de flanelinha era para arrecadar dinheiro com o intuito de poder assegurar a alimentação dos finais de semana, dias em que os equipamentos da prefeitura estão fechados. Chegando o período da noite, a refeição de João e de outras pessoas que vivem em situação de rua é incerta, por não haver garantia de provisão de alimentação. Conforme João, havia noites em que ele e outros moradores em situação de rua recebiam a doação de sopa de um grupo religioso; nos dias em que isso não ocorria, eles tinham que pedir alimentos na vizinhança para preparar o jantar ou usar o dinheiro arrecadado com esmolas.

*Por exemplo, sábado e domingo não tem Restaurante, né? Aí a gente chega nas casas e diz: 'Senhora, desculpa estar incomodando, tem como você ajudar com um quilo de arroz? Porque a gente mora na rua, e o Restaurante em que a gente come de graça está fechado hoje, aí não tem onde a gente comer'.*

O jovem contou que se alimentava na praça do centro da cidade nos fins de semana normalmente, local onde os sujeitos em situação de rua que viviam pela redondeza aglomeravam-se. Cada um levava um item para a preparação da refeição: uns, as panelas; outros, os insumos; outros, o dinheiro para comprar a bebida alcoólica. A refeição era dividida entre todos que haviam cooperado e também entre aqueles que não haviam levado nada, como afirmou João:

*Às vezes, comem dez; às vezes, comem oito, depende da quantidade dos irmãozinhos de rua que estiver aí. Se a gente fizer um pouquinho de arroz, todos comem; é como uma equipe. Se um comer, todos comem; se um não comer, ninguém come. [...] Aí nos carros e nas motos, às vezes, a gente ganha R\$ 30,00, R\$ 40,00. Mas quem usa droga, quem é dependente químico, já usa para isso, nada para comida, só para a droga. Quem não usa, compra comida e come, mas dá para os outros também; partilha tudo. Isso se você quiser, a consciência é sua, é sempre isso, porque vai que você não tem e ele tem? Como ninguém sabe o dia de amanhã, um dia você pode estar lá em cima, mas no outro você pode estar lá em baixo.*

João salientou que muitas vezes não conseguia se alimentar adequadamente no almoço e no jantar, havendo vários dias em que apenas almoçava por não possuir dinheiro para comprar outras refeições, especialmente nos finais de semana. Quando almoçava no Restaurante Popular, ele disse que buscava repetir a refeição várias vezes, para se satisfazer bem e não sentir fome logo.

*Nem sempre eu tenho dinheiro para comprar as coisas para a janta. Eu, por exemplo, quando estou almoçando no Restaurante, repito quatro vezes, como bem muito, porque aí eu não sinto fome na janta. Eu como a primeira vez como isento e as outras eu pago. Eu prefiro pagar para repetir o almoço, que enche mais, do que guardar para a janta. Se eu encher a barriga, é garantia de que eu não vou sentir fome mais tarde. Aí passo a tarde arranjando dinheiro, cinquenta centavos, e fico só tomando café e fumando, aí vai passando a fome.*

João afirmou que os momentos em que passava fome eram os mais difíceis de sua vida. Ele disse que isso não ocorria mais, por possuir acesso a refeição com maior facilidade por meio do Restaurante Popular e do Centro Pop. Apesar disso, ele pontuou que ainda vivenciava situações de insegurança alimentar e nutricional e de pobreza, o que lhe gerava angústia e medo de passar fome, tal como ele explicou: *"Eu não guardo para amanhã, sempre penso, como se diz: 'Só o dia de hoje; viva um dia de cada vez, sem saber o dia de amanhã, só o hoje'".* Sobre isso, Burity et al. (2010, p. 26) lecionam que a insegurança alimentar pode desenvolver problemas psicológicos, manifestados através de ansiedade, medo, depressão, dentre outros, decorrentes da "[...] de uma pessoa ou de uma família com a falta do alimento de forma regular, ou seja, que o alimento acabe antes que haja condições ou dinheiro para produzir ou comprar mais alimentos".

No tocante a esses momentos de restrição alimentar, o jovem indicou que nada se comparava ao período em que havia vivido no município de Maranguape, Ceará, antes de ir para Maracanaú:

*A fome é você olhar para os quatro cantos da parede e não ter nada para comer. Eu já comi barro, já enchi a barriga de farinha e açúcar. Quando eu morava em Maranguape, eu comi do lixo. O pessoal botava o resto de comida no lixo, eu ia e catava. Já comi o pão que o diabo amassou na minha vida. Já vivi muitas coisas ruins e agora estou vivendo o outro lado da moeda. Eu nunca imaginei viver isso. [...] Aí, quando eu estava morando no Maranguape, eu dizia: 'Ei, senhora, me arranja um pouquinho de comida para eu comer?'. Eu estava havia dois dias sem comer, só bebendo água, ninguém me dava nada. Lá eu morava só na Rodoviária, dormia lá no Gonzaguinha. Eu dizia: 'Ei, senhora, me dá um pouquinho de comida?'. Ela só dizia: 'Tem não! Tem não!'. Eu via ela botando no lixo e não me dava. Aí, quando ela virava as costas à noite, né, eu ia lá no lixo, tirava os bregueços de cima, ajeitava os melhorzinhos e comia, daí depois ia dormir. No outro dia, para tomar café? Nada.*

A partir do relato de João, entende-se que as vivências de insegurança alimentar e nutricional foram diversas ao longo de sua história de vida. Conforme a concepção de Castro (2003) e Monteiro (2003), pode-se afirmar que João tanto viveu situações de fome aguda, revelada na urgência de se alimentar, como de grande apetite, bem como de fome crônica, que se configura como uma alimentação diária insuficiente em quantidade e em nutrientes para a manutenção diária de um indivíduo. Esse dado é revelador de como a pobreza dentro da insuficiência de renda pode vir a provocar a fome decorrente das desigualdades sociais.

Importa esclarecer que existem dois tipos de países nos quais persiste a pobreza absoluta: aqueles cuja riqueza nacional é insuficiente para garantir o mínimo indispensável a cada um dos cidadãos e aqueles cujo produto nacional é suficientemente alto para garantir esse mínimo, portanto a pobreza torna-se resultado de uma má distribuição de renda (IVO, 2008). Ainda que a fome não possa ser reduzida apenas a aspectos econômicos (VALENTE, 2003), o Brasil – e consequentemente o município de Maracanaú – é exemplo do segundo caso mencionado, pois apresenta uma das taxas mais elevadas do mundo de desigualdade social.

A população em situação de rua vive num desamparo levado ao paroxismo (MENEZES, 2006), de tal maneira que, além da insegurança nutricional, aspecto preponderante nas narrativas de João, a saciedade psicológica também é algo a ser considerado no processo de saúde mental, tendo em vista que o indivíduo tende a se alimentar de forma exacerbada, buscando uma saciedade psicológica gerada pela insegurança de não ter o que comer na próxima refeição, e essa situação determina o seu objetivo de vida: conseguir alimento. Castro (2003, p. 79) assevera que essa necessidade primária pode, inclusive, desagregar a personalidade humana:

*Nenhuma calamidade pode desagregar a personalidade humana tão profundamente e num sentido tão nocivo quanto a fome, quando atinge os limites da verdadeira inanição. Excitados pela imperiosa necessidade de se alimentar, os instintos primários são despertados, e o homem, como qualquer outro animal faminto, demonstra uma conduta mental que pode parecer das mais desconcertantes.*

Ainda que a população em situação de rua seja um grupo heterogêneo, constata-se que na experiência contemporânea essa categoria se constitui como um processo social que se configura a partir de múltiplos condicionantes (FRANGELLA, 2009), o que não comporta generalizações. Mas a história de vida de João permite não apenas lançar lume a problemas emergenciais, como instigar a reflexão e discussão atinentes às verberações que a situação de rua, a pobreza e a fome proporcionam.

Conclui-se que, no caso de João, ele não conseguia vislumbrar nada diferente para seu futuro além da vida na rua. Ele não mencionou retomar os estudos, conseguir um trabalho ou mesmo constituir uma família. Todo o seu relato de vida direcionava-se ao desejo de saciar sua fome. Tal constatação permite inferir que a situação de fome “aprisiona” o indivíduo em condições subumanas de vida de tal forma que a sua maior preocupação não extrapola o plano do presente imediato, saciar a fome, proporcionando condições ínfimas de elaboração de planos a longo prazo e mudança de perspectiva de vida, inclusive, por meio da escolarização. Destaca-se que 10 anos nas ruas fizeram João naturalizar essa condição; esse ciclo de situação de rua, para ser interrompido, necessita de ações preventivas ou ainda interventivas, sobretudo quando o tempo de estada na rua dos sujeitos é ainda curto, potencializando, assim, a efetividade das ações para sua reversão (PRATES, J.; PRATES, F.; MACHADO, 2011).

Logo, constata-se que a condição de pobreza e a vivência da fome permitem ao ser humano tão somente o contato com um padrão de consumo alimentar de natureza insuficiente e inadequada (ALBUQUERQUE, 2009), ademais, a vida do jovem João revelou diversas negativas de direitos – educação, lazer, moradia, família, etc., que não se resumiam unicamente à privação da alimentação, ainda que esta tenha se tornado o centro de suas narrativas por representar uma necessidade básica, urgente e imediata.

### Considerações finais

A pesquisa objetivou biografar a vida de um jovem em situação de rua em sua relação com as vivências de educação, fome e pobreza considerando a perspectiva do sujeito envolto por essas problemáticas sociais. Por de uma pesquisa biográfica que utilizou a metodologia da história oral, coletada mediante entrevistas livres, foi possível conhecer as nuances da vida de João referentes ao seu contexto familiar, processo de escolarização, modo de subsistência e moradia nos espaços públicos.

João se apresentou como um garoto que não teve oportunidade de conviver com sua família consanguínea devido à situação de extrema pobreza. Sendo doado para outra família, viveu a falta de figuras de referência, morando na casa de um amigo dos pais, na da avó e na rua. Sua infância foi caracterizada pela ausência de escolarização e pela iniciação precoce no trabalho informal. A necessidade do trabalho infantil para sustentar-se, iniciado aos 6 anos, transformou-se no principal objetivo de vida. Sua rápida passagem pela escola, na qual ingressou apenas aos 12 anos, não durou mais do que três anos, experiência que lhe proporcionou o aprendizado elementar da leitura e escrita.

O uso de substâncias ilícitas acarretou o abandono escolar e o rompimento definitivo dos vínculos familiares, o que ocasionou sua inserção de vida nas ruas. A jornada de vivência de exclusão e negação de direitos foi observada a partir das narrativas de João sobre sua rotina diária, que centrava ênfase nas experiências de fome nos mecanismos desenvolvidos para saciá-la. A insegurança alimentar aguda e crônica, associada ao uso de substâncias ilícitas, levou João a comer lixo e vivenciar experiências de alimentação escassa e precária.

A negação de direitos e a vivência do abandono familiar e escolar, do desemprego, da falta de moradia, da drogadicção, da fome e da pobreza foram aspectos que impulsionaram a vida em situação de rua, mas foi o imediatismo da fome, sem a certeza do acesso à próxima refeição, que interferiu mais negativamente na possibilidade de constituição de um plano para o futuro, levando João à naturalização da vida na rua e a crença de que a educação não é importante; dificultando o desenvolvimento de uma autonomia mínima que pudesse ensejar uma mudança de conjuntura.

A biografia de João permite inferir que não apenas a ausência do alimento em si gera a alienação do futuro, ainda que seja fator de extrema relevância, sendo também a desigualdade social um fator importante para isso, a qual assola mais enfaticamente parte da população em extrema pobreza, não permitindo o acesso a condições dignas de sobrevivência. Dessa forma, ainda que haja políticas importantes sendo implementadas, como o Restaurante Popular e o Centro Pop, elas são reflexos de programas paliativos no combate à fome, pontuais e incapazes de resolver tal problemática. Sendo assim, faz-se urgente pensar mecanismos que possam proporcionar vida digna e assegurar os direitos básicos – educação, saúde, alimentação, trabalho, moradia, lazer – à parcela da população desprovida desse acesso.

### Referências

- ABRAMO, Helena Wendel & LEÓN, Dávila Oscar. *Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais*. São Paulo: Ação Educativa, 2005.
- ABRAMO, Helena Wendel. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Org.). *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Perseu Abramo, p. 37-72, 2008.
- ALBERTI, V. *Manual de história oral*. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- ALBUQUERQUE, Maria de Fátima Machado de. A segurança alimentar e nutricional e o uso da abordagem de direitos humanos no desenho das políticas públicas para combater a fome e a pobreza. *Revista de Nutrição*, Campinas, 22 (6): 895-903, 2009.
- AMADO, J.; FERREIRA, M. (Org.). *Usos & abusos da História oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- BATISTA, Wilson Roberto. As políticas públicas de juventude. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 9., 2009, Curitiba. *Anais...* Curitiba: PUC, p. 6961-6975, 2009.
- BRASIL. Decreto n. 7.272, de 25 de agosto de 2010. Regulamenta a Lei n. 11.346, de 15 de setembro de 2006, que cria o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional – SISAN e institui a Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF, 2010.
- BRASIL. Lei n. 12.852, de 5 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF, 2013.
- BRASIL. *Política Nacional para Inclusão social da População em Situação de Rua*. Brasília, DF: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2008.
- BURITY, Valéria et al. *Direito humano à alimentação adequada no contexto da segurança alimentar e nutricional*. Brasília, DF: Abrandh, 2010.
- BURKE, Peter. *A escrita da História: novas perspectivas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

- BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Tradução Sergio Goes de Paula. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008.
- CASTRO, Anna Maria de. *Fome: um tema proibido*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- DAYRELL, Juarez. A escola faz as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educação & Sociedade*, Campinas, 28(100): 1105-1128, 2007.
- DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2009.
- FERREIRA, M. M. História Oral: um inventário das diferenças. In: FERREIRA, M. M. (Org.). **Entre-Vistas**: abordagens e usos da História Oral. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 1-13.
- FIALHO, Lia Machado Fiuza & MACHADO, Charliton José dos Santos & SALES, José Albio Moreira de. Tráfico de drogas, briga de gangues e homicídios em série: a biografia de um jovem em conflito com a lei. *Projeto História*, São Paulo, 51: 64-98, 2014.
- FIALHO, Lia Machado Fiuza. *A vida de jovens infratores privados de liberdade*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2015.
- FLICK, Uwe. *Introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- FRANGELLA, Simone Miziara. *Corpos urbanos errantes: uma etnografia da corporalidade de moradores de rua em São Paulo*. São Paulo: Annablume, 2009.
- FREITAS, Maria Virgínia de (Org.). *Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais*. São Paulo: Ação Educativa, 2005.
- GIORGETTI, Camila. *Moradores de rua: uma questão social?* São Paulo: Fapesp, 2006.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. *Censo Demográfico - 2010*. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.
- INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ - IPECE. *Perfil Básico Municipal 2016 de Maracanaú*. Fortaleza: Secretaria de Planejamento e Gestão do Estado do Ceará, 2016.
- IVO, Anete Brito Leal. *Viver por um fio: pobreza e política social*. São Paulo: Annablume; Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2008.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 5. ed. Campinas: Getúlio Vargas, 2003.
- LORIGA, S. *O pequeno X: da biografia à história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- MEHMY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. *História oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História oral*. São Paulo: Loyola, 1996.
- MENEZES, Lucianne Sant'anna de. *Pânico: efeito do desamparo na contemporaneidade. Um estudo psicanalítico*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.
- MONTEIRO, Carlos Augusto. A dimensão da pobreza, da fome e da desnutrição no Brasil. *Estudos Avançados*, São Paulo, 17(48): 7-20, 2003.
- NORA, Pierre. Entre memória e História: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, 10: 7-28, 1993.
- PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude: alguns contributos. *Análise Sociológica*, Lisboa, 25(105-106): 139-166, 1990.
- POLÔNIA, Ana da Costa & DESSEN, Maria Auxiliadora. Em busca de uma compreensão das relações entre família e escola. *Psicologia Escolar e Educacional*, Brasília, 9(2): 303-312, 2005.
- PRATES, Jane Cruz & PRATES, Flávio Cruz & MACHADO, Simone. Populações em situação de rua: os processos de exclusão e inclusão precária vivenciados por esse segmento. *Temporalis*, Brasília, 11(22): 191-215, 2011.
- SILVA, Maria Lucia Lopes da. Mudanças recentes no mundo do trabalho e o fenômeno população em situação de rua no Brasil 1995-2005, 220p. Dissertação (Mestrado em Política Social). Programa de Pós-Graduação em Política Social, Universidade de Brasília, 2006.
- SIMÕES, Carlos. *Curso de Direito do Serviço Social*. São Paulo: Cortez, 2007.
- SOUZA, Carmem Zeli Vargas Gil. Juventude e contemporaneidade: possibilidades e limites. *Última Década*, Viña del Mar, 12(20): 47-69, 2004.
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- VALENTE, Flávio Luiz Schieck. Fome, desnutrição e cidadania: inclusão social e direitos humanos. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, 12(1): 51-60, 2003.